

PERFIL DE MULHERES COM CÂNCER CERVICAL EM TRATAMENTO RADIOTERÁPICO

Camila Baldissera ¹

Luana Farias dos Santos ²

Thais Nogueira de Oliveira Martins ³

Adriana Brondani Palgliarin Silva ⁴

Melissa Medeiros Braz ⁵

Hedioneia Maria Foletto Pivetta ⁶

Resumo:

De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (INCA, 2015), a estimativa para o ano de 2016 aponta para a ocorrência de 16.340 casos novos de câncer do colo do útero, sem considerar os tumores de pele não melanoma, é o quarto mais incidente na Região Sul (15,17/100mil). Além de aspectos relacionados ao Papiloma Vírus Humano (HPV), fatores ligados à imunidade, à genética, ao baixo poder aquisitivo e ao comportamento sexual parecem influenciar os mecanismos ainda incertos que determinam a regressão ou a persistência da infecção e também a progressão para lesões precursoras ou câncer. O objetivo desse trabalho foi descrever o perfil das pacientes com câncer de colo do útero, em tratamento radioterápico no Hospital São Vicente de Paulo -HSVP- Passo Fundo/RS. Trata-se de um estudo prospectivo, quantitativo, descritivo e exploratório. A pesquisa ocorreu no período compreendido entre novembro de 2015 e setembro de 2016 e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Passo Fundo. As mulheres com câncer cervical em tratamento radioterápico no HSVP foram convidadas a participar da pesquisa, sendo informadas sobre os objetivos do estudo, metodologia, riscos e benefícios através do termo de consentimento livre e esclarecido. Foram incluídas mulheres de todas as idades, diagnosticadas com câncer de colo do útero, em tratamento radioterápico no HSVP, mediante a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. Foram excluídas as mulheres com comprometimento cognitivo e/ou que apresentavam dificuldade em responder ao questionário e aquelas que optaram por não participar da pesquisa. A coleta de dados ocorreu no setor de radioterapia do HSVP através da aplicação de um questionário semiestruturado elaborado pelas pesquisadoras, contendo dados de identificação, estado civil, grau de escolaridade, comorbidades associadas, fumo, etilismo, realização de atividades físicas e número de gestações. A amostra inicial foi composta por 22 pacientes, destas, 12 foram excluídas por não se enquadrarem nos critérios de inclusão da pesquisa. A média de idade foi de 42 anos, 80% das pacientes eram brancas, 50% eram solteiras e apenas 20% finalizaram o ensino médio. Quanto ao índice de massa corporal, 4 (40%) apresentavam sobrepeso ou eram obesas. Apesar disso, apenas 3 (30%) relataram possuir alguma comorbidade, visto que 7 (70%) negaram praticar exercícios físicos e 4 (40%) confirmaram ter feito uso de tabaco. Mais de 50% das pacientes tiveram duas gestações ou mais e, das 24 gestações, 87,5% dos partos foram vaginais. Esse levantamento contribuiu para traçar um perfil das pacientes com câncer de colo de útero atendidas no Hospital São Vicente de Paulo, concluindo que prevaleciam mulheres brancas, solteiras, eutróficas, sedentárias, não tabagistas, negando o uso de álcool e a presença de comorbidades. Ademais, a maioria não concluiu o ensino fundamental e uma parcela expressiva da amostra teve mais de 3 gestações. Dessa forma, através deste, foi possível conhecer a população acometida pela doença para auxiliar, orientar e reforçar o atendimento e qualidade do serviço prestado e também reforçar ações educativas e preventivas na população.

Palavras-chave: neoplasia saúde da mulher epidemiologia

Modalidade de Participação: Pesquisador

PERFIL DE MULHERES COM CÂNCER CERVICAL EM TRATAMENTO RADIOTERÁPICO

¹ Aluno de pós-graduação. baldisseraca@gmail.com. Autor principal

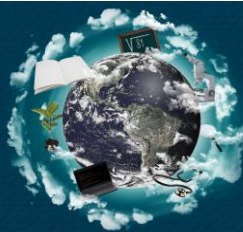
² Aluno de pós-graduação. fisioluana7@gmail.com. Co-autor

³ Aluno de pós-graduação. thais.nogueiramartins@gmail.com. Co-autor

⁴ Aluno de pós-graduação. osteoepilates@gmail.com. Co-autor

⁵ Docente. melissabrazmunro@gmail.com. Co-orientador

⁶ Docente. hedioneia@yahoo.com.br. Co-orientador



PERFIL DE MULHERES COM CÂNCER CERVICAL EM TRATAMENTO RADIOTERÁPICO

1. INTRODUÇÃO

De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (INCA, 2015), a estimativa para o ano de 2016, que é válida também para o ano de 2017, aponta para a ocorrência de 16.340 casos novos de câncer do colo do útero, com um risco estimado de 15,85 casos a cada 100 mil mulheres. Sem considerar os tumores de pele não melanoma, o câncer do colo do útero é o quarto mais incidente na Região Sul (15,17/100mil).

A detecção desse tipo de câncer utiliza a citologia diagnóstica proposta por George Papanicolau, através da análise das alterações celulares das regiões da cérvix e vagina, a qual possibilita a detecção precoce da patologia, sendo uma estratégia eficiente para reduzir as taxas de incidência e mortalidade. Dessa forma, o elevado número de casos da doença pode ser reduzido com ênfase nas ações de prevenção e controle do câncer do colo do útero, como rastreamento populacional por meio do exame Papanicolau, bem como a vacina contra o Papiloma Vírus Humano (HPV), sendo esta uma estratégia efetiva de prevenção primária (INCA, 2011).

Para orientar as ações dos profissionais frente às alterações no exame Papanicolau o Instituto Nacional do Câncer elaborou o guia Diretrizes Brasileiras para o rastreamento do câncer de colo do útero. No Brasil, é indicado para mulheres que já tiveram relação sexual, especialmente dos 25 aos 64 anos de idade, com periodicidade anual, sendo trienal quando dois exames anuais seguidos apresentarem resultados negativos para displasia ou neoplasia (INCA, 2011).

Segundo INCA (2011), a vacinação contra o HPV é uma forma de prevenção devido ao câncer de colo uterino estar fortemente associado à atividade sexual, mais especificamente, ao número de parceiros e à idade da primeira relação sexual. Apesar de ser considerada uma condição necessária, a infecção pelo HPV por si só não representa causa suficiente para o surgimento dessa neoplasia. Além de aspectos relacionados ao próprio HPV, outros fatores ligados à imunidade, à genética, baixo poder aquisitivo e ao comportamento sexual parecem influenciar os mecanismos ainda incertos que determinam a regressão ou a persistência da infecção e também a progressão para lesões precursoras ou câncer (SOARES et al., 2010).

No intuito de identificar quem são as portadoras de câncer de colo do útero usuárias do setor de radioterapia do Hospital São Vicente de Paulo (HSVP), de forma a contribuir com os serviços de saúde na construção de estratégias efetivas no desenvolvimento de ações preventivas e de intervenção precoce, estruturou-se este estudo, tendo como objetivo: descrever o perfil das pacientes com câncer de colo do útero, em tratamento radioterápico no HSVP – Passo Fundo/RS.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo prospectivo, quantitativo, descritivo e exploratório. A pesquisa ocorreu no período compreendido entre novembro de 2015 e setembro de

2016, respeitando todos os preceitos éticos conforme a resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Passo Fundo, através do parecer número 1.299.239, no dia 28 de outubro de 2015.

As mulheres com câncer cervical em tratamento radioterápico no HSVP foram convidadas a participar da pesquisa, sendo informadas, na forma escrita e verbal, sobre os objetivos e a metodologia do estudo, bem como os riscos e benefícios, e que caso aceitassem, a participação seria de forma voluntária, com a garantia de sua privacidade, de acordo com um termo de confidencialidade assinado pelos pesquisadores. Além disso, somente após a obtenção do termo de consentimento livre e esclarecido, a coleta seria realizada, e que poderia retirar o seu consentimento a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ao tratamento no setor em questão.

Foram incluídas na pesquisa mulheres de todas as idades, diagnosticadas com câncer de colo do útero, em tratamento radioterápico no HSVP, localizado na cidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, mediante a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. Foram excluídas as mulheres com comprometimento cognitivo e/ou que apresentavam dificuldade em responder ao questionário e aquelas que optaram por não participar da pesquisa.

A coleta de dados ocorreu no setor de radioterapia do HSVP através da aplicação de um questionário semiestruturado elaborado pelas pesquisadoras, contendo: dados de identificação, estado civil, grau de escolaridade, diagnóstico médico, comorbidades associadas, fumo, etilismo, realização de atividades física e número de gestações.

3. RESULTADOS e DISCUSSÃO

A amostra inicial foi composta por 22 pacientes, destas, 12 foram excluídas por não se enquadrarem nos critérios supracitados. A média de idade foi de 42 anos, sendo a idade mínima 28 e a idade máxima 77 anos, assemelhando-se a outros estudos em que a prevalência de casos ocorreu entre 40 e 49 anos, (MARTINS; THULER; VALENTE, 2005).

Em relação à raça, 8 (80%) pacientes eram brancas e 2 (20%) eram negras, o que não condiz com o encontrado em estudos de outras cidades brasileiras, provavelmente devido a este estudo ser realizado na região sul do Brasil, onde a maioria descende de caucasianos. Em um estudo realizado no município do Piauí, localizado no Nordeste do país, a raça não branca (parda ou negra) foi a mais encontrada, representando 54,5% da população (RIBEIRO et al., 2015), o que sugere a importância de estudos futuros que analisem a população brasileira como um todo, considerando as diferenças étnicas das diversas regiões do país.

Quanto ao estado civil, 5 pacientes (50%) eram solteiras, 4 pacientes (40%) eram casadas e 1 (10%) era viúva, indo de encontro aos achados de Ferreira e Galvão (2009), que constataram que dentre as mulheres pesquisadas, 63,8% possuíam companheiros. Além disso, Nobre et al., (2014) apontam que as mulheres casadas apresentam mais fatores de risco para o câncer de colo de útero.

Quanto à escolaridade, apenas 2 (20%) finalizaram o ensino médio, o que confirma que essa variável, normalmente, está interligada ao nível socioeconômico baixo, o qual se caracteriza como fator de risco para o câncer de colo uterino (NOBRE et al., 2014). Além disso, possivelmente um nível baixo de escolaridade pode estar relacionado a uma menor frequência do exame preventivo para o câncer

de colo do útero (RIBEIRO et al., 2015). Desse modo, se o nível de escolaridade das portadoras desse tipo de câncer é baixo, são necessárias ações educativas dirigidas à prevenção e a realização do exame citopatológico, principalmente na faixa etária abrangida pela estratégia de rastreamento.

Quanto ao índice de massa corporal, 4 (40%) apresentavam sobrepeso ou eram obesas, além disso, 7 (70%) negaram praticar exercícios físicos, fatos alarmantes, uma vez que o excesso de gordura no corpo provoca um processo inflamatório e aumenta a produção de hormônios que podem causar danos às células, provocando ou acelerando o surgimento de doenças, como o câncer (INCA, 2015). Apesar disso, apenas 3 (30%) relataram possuir alguma comorbidade, sendo estas pressão arterial sistêmica, depressão, distúrbio da tireoide e doença cardíaca.

A maioria das participantes do estudo negou o consumo de bebida alcoólica (90%) e o uso do tabaco (60%). Fato positivo, uma vez que é conhecida a influência do tabagismo no aumento de risco para câncer de colo uterino, pois além de provocar danos funcionais no organismo, o cigarro pode levar a menopausa precoce, a diminuição da fertilidade e conseqüentemente o aumento do risco para o desenvolvimento de tumores de colo de útero (MENDONÇA et al., 2004). Dessa forma, ações educativas sobre os malefícios do tabagismo para a saúde são necessárias, visto que constituem um fator de risco para diversas patologias, incluindo o câncer cervical.

Em relação ao número de gestações, na amostra deste estudo 40% das mulheres tiveram três gestações ou mais, o que concorda com estudos que afirmam que a multiparidade é um dos fatores de risco que favorecem o desenvolvimento do câncer de colo uterino (INCA, 2015). Em contrapartida, um estudo realizado por Moura et al. (2010) relataram que o número de filhos não é um dos mais importantes fatores de risco para o desenvolvimento do câncer de colo uterino, e sim, o início precoce da atividade sexual.

Ressaltamos que, devido a este estudo ser desenvolvido apenas em um setor de tratamento radioterápico, são necessários outros estudos que abranjam um número maior de mulheres com diagnóstico de câncer cervical, a fim de subsidiar ações preventivas e planejamentos de políticas públicas para o controle e prevenção dessa patologia.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse levantamento contribuiu para traçar um perfil das pacientes com câncer de colo de útero atendidas no Hospital São Vicente de Paulo, em Passo Fundo – RS, concluindo que prevaleciam mulheres brancas, solteiras, eutróficas, sedentárias, não tabagistas, negando o uso de álcool e a presença de comorbidades. Ademais, a maioria não concluiu o ensino fundamental e uma parcela expressiva da amostra teve mais de 3 gestações. Dessa forma, através deste, foi possível conhecer a população acometida pela doença para auxiliar, orientar e reforçar o atendimento e qualidade do serviço prestado e também reforçar ações educativas e preventivas na população.

5. REFERÊNCIAS

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER – INCA. Estimativa 2016, Incidência de Câncer no Brasil. Ministério da Saúde. Rio de Janeiro, RJ, 2015. Disponível em:

<http://www.inca.gov.br/estimativa/2016/estimativa-2016-v11.pdf>. Acesso em: 10 de Setembro de 2016.

INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER - INCA. Coordenação Geral de Ações Estratégicas. Diretrizes Brasileiras para o rastreamento do câncer do colo do útero. Rio de Janeiro, 2011.

MARTINS, L. F. L.; THULER, L. C. S.; VALENTE, J. G. Cobertura do exame de Papanicolau no Brasil e seus fatores determinantes: uma revisão sistemática da literatura. *Revista Brasileira Ginecologia e Obstetricia*, v.27, n.8, p.485-92, 2005.

MENDONÇA M. et al. Tabagismo e sua inter-relação com doenças ginecológicas. *Jornal Brasileiro de Patologia e Medicina Laboratorial*. v. 86, n. 3, p. 60-63, 2004.

MOURA, A. D. A. et al. Conhecimento e motivações das mulheres acerca do exame de Papanicolau: subsídios para a prática de enfermagem. *Revista RENE*, v.11, n.1, p.94-104, 2010.

NOBRE, C. M. G. et al.; Perfil das mulheres com alteração no exame Papanicolau no sul do país. *Revista de Ciências da Saúde Vitale – Furg*, v.26, n.1, 2014.

RIBEIRO, J. F. et al. Perfil sociodemográfico e clínico de mulheres com câncer do colo do útero em uma cidade do nordeste. *Revista Eletrônica Gestão & Saúde* .v.6, n. 2, p. 1367-81, 2015.

SOARES M. C. et al., Mulheres com câncer de colo uterino. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, v. 14, n. 1, p. 90-96, 2010.